

CADERNO DO CAFÉ LITERÁRIO



Os encontros mensais do Café Literário, desde o seu início em 2006, têm sido um espaço de discussões, reflexões e muita troca em torno da literatura.

Com o objetivo de compartilhar essa rica experiência, inauguramos o "Caderno do Café", onde apresentaremos mensalmente as produções autorais de nossos participantes. Leia e contagie-se!

*Sandra Gonzaga e Silva
Coordenadora do Café Literário
sagon@globob.com*

ÍNDICE

PEDRA POMES III. *Ana Elisa Mercadante*.....p.3

(SEM TÍTULO). *Maria do Carmo Palhares*.....p.4

A NOIVA DE SANTO ANTÔNIO

***Sônia Eva Tucherman*.....p.5-10**

FRESTA DE LUZ

***Ana Lia Vianna Ambrosio*p.11-14**

DOIS SONETOS DE JUVENTUDE (1970?)

***Luiz Fernando Gallego*.....p.15-16**

PEDRA POMES III

Ana Elisa Mercadante

De que arrotos ou de que vômitos
De que entranhas,
De que ânus de Vulcano,
De qual rito epiléptico,
Horrível parto de montanha
Afloraste
E suspiro,
Flor de espuma,
Alma de renda
Te empedraste?
Fosse possível a todo ódio,
À inveja e ao instinto em explosão
Arrefecer em ser assim,
Humilde e leve em nossa mão.

(SEM TÍTULO)

Maria do Carmo Palhares / set 2006

Tirou a roupa ,botou pra lavar
Tirou os sapatos ,botou pra limpar
Tirou a chuva, botou pra secar
Tirou um CD, botou pra tocar
Rodopiou, Rodopiou
Desafinou
Caiu
Em prantos.
Tirou uma lembrança, botou pra escutar
Por um triz não derrapou
Tirou da cabeça aquele passado
Botou no armário,
Esqueceu de arrumar
Não adiantou
Botou então tempo, tirando o engano
Voltou com o medo pro seu lugar
Não vou agüentar
Quem sabe me cubro de falsos brilhantes
Ouvindo Elis botar pra quebrar
Tirou o cansaço invadido
Botou um sorriso vermelho
De óculos escuros foi se deitar
Voltando com a máscara pro seu lugar.
Melhor assim
Dá muito trabalho, tirar e botar

A NOIVA DE SANTO ANTÔNIO

Sônia Eva Tucherman

Ô meu Santinho, meu Santantoninho, Santantônio do meu coração! Não me decepcione outra vez, Santinho! Olha pra essa que pede com humildade, enquanto é tempo. Será que ainda é tempo? Se o Santinho me der a graça, juro que saio por aí contando o milagre e dando o nome do Santo. Não há santo que desdenhe uma boa propaganda hoje em dia, né? Não quero ameaçar não, que o senhor me conhece bem e sabe que eu não sou dessas coisas, de interesse e tal. Mas meu Santo sabe como está a concorrência, como está cheio de santos por aí, tem santo com tudo que é letra, e a gente nem sabe de onde veio, mas está tudo por aí fazendo milagre e ganhando fama por um tantinho de nada. Então, não sei não. Acho que uma boa propaganda pro senhor agora ia ser muito bom. E quem melhor do que eu pra servir de cartão-de-visita de santo casamenteiro? Tô aqui ajoelhada, Santantônio, com a maior devoção, pedindo outra vez um marido. Todo ano peço a mesma coisa, o senhor sabe, e já deve estar lhe chateando tamanha insistência. Mas é que até agora nada, Santantônio. Faço tudo direitinho, e até agora nada. Tô aqui escrevendo nomes de alguns cavalheiros que bem fariam minha alegria. Ponho tudo em papezinhos, dobro cada um, e ponho debaixo do travesseiro. Espero que amanhã esteja aberto o nome do meu futuro marido. Nem dobro muito que é pra não dar trabalho pro senhor. Mas faço isso há tantos anos que já desconfio que o senhor não está a fim de me ajudar. Desculpe a desconfiança, mas o senhor compreende como ficam os nervos de uma moça como eu, há tanto tempo querendo casar, e nada. Não quero lhe ofender, mas acho que o senhor não anda fazendo seu serviço com o cuidado devido, Seu Antônio. Me enganei. Chamei de Seu Antônio. Deve ser por causa do dono da venda que é Seu Antônio e é

um português ali na casa dos cinquenta, bem apanhado e viúvo, que cabia em mim como luva. Já tô com trinta e muitos, Santo. E nunca fui bonita como a mana Lili, que casou primeiro com dezessete, depois com vinte, e de novo com vinte e seis, e já está marcando o quarto casório. E eu, nada. Nem unzinho, Tio Antônio. Ih, chamei de tio. Desculpas. Deve ser por causa do meu tio, que tem nome em sua homenagem. É irmão da minha mãe e acabou de nascer. É filho da minha avó, sim senhor. Minha avó me contou que foi o senhor, Santantônio, que deu um novo marido pra ela, que estava viúva desconsolada. Contou que bastou rezar uma vez, e pronto. O senhor atendeu e fez um milagre numa mulher já avançada na idade. E eu? Nada? Nadinha? Por que essa marcação contra mim? Não adianta vir com desculpa esfarrapada não, porque sei de tudo que o senhor dá pras outras. A Belinha me disse que o açougueiro está de olho nela, mandou flores com cartão e tudo. Imagina só! A Belinha! Ela nem cumpriu a promessa que fez pro senhor no ano passado, de ficar um ano sem comer rapadura. Eu vi ela comendo na quermesse, e não foi um pedacinho só não. Então, o senhor dá uma graça dessas pra uma sirigaita que não cumpre suas promessas e me deixa na mão? Isso não é papel de santo. Tá bem, vou falar com calma. Desculpe esta sua devota, é que estou desesperada, meu santo querido. Meu Santo predileto. Acredito no senhor, sim. Já acendi tanta vela que nem sei. Ah, o senhor ficou zangado porque acendi vela pra santo de macumba. É, fiz um despacho sim, mas não teve importância. Nem acreditava no que estava fazendo. Foi só por via das dúvidas. Não pode duvidar? Ué, a Nininha tava lá comigo, e fazendo macumba bem mais cara que a minha e o senhor não zangou. Tá ela aí com um marido no braço, passeando pra lá e pra cá na pracinha, toda prosa. Ele bem bacana, com bigodão, boa aparência, e é vendedor de tapetes, anda com uma mala cheia de pedaços de mostruário, é funcionário importante na loja. Eu queria um assim também. Nem precisava tanto, Seu Antônio. Desculpas. Podia ser um mais simples,

sem mala. O pipoqueiro me servia bem. Botei o nome dele aqui num papelzinho. Abre ele pra mim, por favor. Tem também aquele que estava sozinho na festa. Um estrangeiro. Parecia que não conhecia ninguém, e não dançou quadrilha. Mas pulou fogueira na maior boniteza. Pernas compridas, sorriso bonito, todos os dentes. Bigode bem aparado. Tem uma cara meio desavergonhada, jeito de pecador. Olhei bem pra ele. Fiquei com vergonha de rir, porque me faltam os dentes nos dois lados. Mas ele viu que me interessei. O senhor bem que podia botar ele no meu caminho, e se ele me amar não vai se importar com a falta dos dentes, nem com minha gordura, nem com minha feiúra. Porque sou uma boa moça e só preciso de um tempinho pra conversar e mostrar que sou prendada e engraçada. Ele já é casado em outra cidade? E daí, Mestre Antônio? Chamei de mestre sem querer. Era o professor de catecismo da escola que falava sobre adúlteras e concubinas. Mas não é meu caso. Não ia ser pecado não, porque ele ia se apaixonar por mim, e ia se separar da outra, mas ia dar uma boa pensão pra ela que não ia ficar desprotegida. Ela ia arrumar outro homem, e esse vinha pra mim. Ou então, o estrangeiro continua com a mulher dele e o senhor me dê esse homem que o senhor ia arrumar pra ela depois da separação. Não me censure que eu não tenho culpa nenhuma de estar assim. É tudo culpa sua que não faz seu trabalho direito. Eu faço minha parte que é rezar, fazer novena, e todas as simpatias que existem: do ovo no copo, da agulha na água, dos papezinhos dobrados. Este ano fiquei aborrecida porque fiz a chita mais bonita do arraial, laço de fita na trança, montei barraquinha com jogo de argolas nas garrafas, e ofereci como prêmio um beijo. Ninguém quis. Que humilhação! Já estou velha, disseram. E aí? Como vai ser, Santantoninho? Hein? Bebi muito quentão pra ver se alegrava, e não adiantou toda a batata doce e milho cozido que comi pra rebater, porque fiquei bebinha na festa. Agora dizem que além de velha, sou bêbada, e perdida de vez. Tudo culpa sua. Tudo culpa sua, Antônio. Santo nada.

Tô é desconfiando de sua santidade. E isso não vai ficar assim não, porque vou me queixar ao papa. Ah, vou. Vou escrever pro papa contando de sua traição, sua incompetência, e ele vai cassar seu mandato. Ou então vai mandar o senhor tentar serviço em outra freguesia. Porque até o papa sabe que eu mereço essa graça. Sabe aquela menina feiosa que sentava ao meu lado no banco do grupo escolar? É, aquela que era malcriada, não fazia lição nenhuma, tinha o caderno sujo e soltava pum na sala. Pois então, querido Santantônio, sabe que ela casou? Veio um caixeiro viajante e carregou ela junto com as mercadorias, embaixo do braço que nem filme americano. Só vendo que lindo! Eu vi da minha janela tudinho acontecendo. Vi os beijos, vi ele levantando a saia dela, vi tanto pecado com esses olhos que a terra há de comer, e Jesus que me perdoe, mas fiquei pensando que devia ser eu a pecadora. Se voltasse pro grupo escolar agora, ia ser que nem ela, nada de ser limpa e boazinha. De que me serviu a letra bonita e as estrelinhas que Dona Niná colava no meu caderno, hein? Pra eu ficar aqui sozinha, ajoelhada, falando com um santo que não me ouve? Um santo que não é de nada. Injusto. Ingrato. Profano. E surdo. A Igreja ainda vai saber quem é você de verdade. Santo do pau oco. Tô chorando mas é de raiva, não é de devoção, porque eu não vou mais perder meu tempo com você, seu traidor. Mostra serviço pra tudo quanto é mulher na rua, e pra sua dedicada, dentro de casa, nada, nadinha! Não vou mais cuidar, lavar, rezar, prometer. Pra mim chega! Tem muito santo por aí doido pra ter aos pés uma moça piedosa como eu. Azar o seu, e que se dane. Vai ficar aí no armário até eu resolver seu destino. Olha só como eu estou. Toda amarrotada, trança desfeita, olho inchado, essa cara amarela de pinto sem mãe. E estão batendo no portão bem agora. Deve ser conta do armazém, e quem precisa de aprumo pra receber conta, pois que é só o que recebo mesmo. Ué, não é conta? Carta? Carta pra mim? Seu carteiro tem certeza que é pra mim? Tá meu nome aqui na frente, bem direitinho...Que letra mais bonita, meu Jesus! E o

papel, Virge Santa! Que boniteza. Dá até pena de abrir. Ainda bem que sei ler direitinho, que aprendi com Dona Niná. Prezada Dona Ernestina: Há muito observo a senhora com respeito. Moça bem-aventurada, pura, imaculada, inocente. Suas virtudes e sua devoção hão de lhe dar o Céu como recompensa. Continue em seu santo sacrifício, pois o amor assim o exige. A senhora zangou-se comigo. Com razão. Afinal nunca lhe dei um sinal. Pensei que não seria preciso diante do tamanho de sua fé. Mas vejo que me enganei. A senhora é humana, não é uma santa. Ainda. Devo lhe confiar um segredo: Escolhi a senhora para minha noiva no arraial do Céu, no próximo ano. Dançaremos quadrilha ao som do forró de anjos. Serei o noivo, e o padre ninguém menos que Jesus. Prepare-se, então, com apuro. Comece a bordar a chita. Me tire do armário, me envolva em adorações. Tenho as costas largas, sou imune a sortilégios ou bruxarias, mas só me interessa uma noiva respeitante às coisas divinas, à religião, ao culto à minha imagem. Comporte-se. Me aguarde. Virei buscá-la, e serás minha noiva. Do seu, Santoninho.

β

Homens bebem cerveja e beliscam moelas no balcão do boteco. Outros jogam bilhar. Passam giz nos tacos, bebem, fumam. Às vezes, algum se confunde e fuma o giz. Gozação geral. Homens adoram rir no bar. O dono do bar é um velho que já foi muita coisa na vida, e de cada ofício lembra uma história. Gosta de contá-las, desce a detalhes, e distribui bebida grátis para a platéia, que se mantém atenta pelas novidades que o velho acrescenta aqui e ali, como pitadas de sal. De seu tempo de carteiro, conta a história da moça Ernestina, a Noiva Louca, que assombra a casa abandonada perto do rio. Ninguém ali conheceu a

moça, ninguém nunca viu seu fantasma, e ninguém acredita na história. Nem percebem quando um vago remorso enrouquece sua voz. Aham graça. Gostam de ver a cara do velho dono do bar se alterando, crispando músculos, mordendo beiços.

Conta que a moça enlouqueceu na sua frente, assim que acabou de ler a carta que ele lhe trouxera. Que ela gargalhou medonha, largou a carta no chão, arrancou a chita que vestia. Por uns minutos ficou nua. Buscou uma caixa embaixo da cama, tirou um vestido de noiva e, enquanto se enfiava às pressas nos panos brancos, tirava do armário uma imagem de Santo Antônio. Botou véu e tudo. Começou a dançar com a imagem do santo nos braços. Rindo e dançando desvairada, foi pelas ruas, entrou na Igreja e, sempre no mesmo frenesi, ajoelhou-se no altar ajeitando ao seu lado a imagem de Santo Antônio. Disse um “sim” bem alto, caiu sobre o santo, e morreu com um sorriso no rosto.

Fresta de luz

Ana Lia Vianna Ambrosio

Ando. Ando sempre no mesmo lugar, seis passos o caminho de ida e volta. Sei não onde piso, enfurnado há séculos aqui, grade de ferro a isolar-me do resto do mundo. Mundano ou agreste o solo lá fora? Perguntas indispostas e freqüentes. Três vezes por dia servem-me uma comida insossa e com cheiro lastimoso, sequer vejo a pessoa que me atende. Paladar – não o tenho mais, olfato só um tanto. Solitário, calome mudo e sereno. Preocupações nenhuma: quisera uma enorme dívida no banco, uma infernal irmã vivendo às minhas custas. Já ia me esquecendo! Toda noite vem um senhor de cabelos brancos (contrastando com o breu), pingar colírio nos meus olhos. Tentei várias conversas, sem êxito o propósito. Diferentes as línguas? Apenas um meio sorriso de volta. De olhos bem abertos – como me pretendem?

Queria tanto um relógio para acompanhar as horas, guio-me somente por uma fresta de luz. Abandonada. Pequena e quebrada a tosca janela por onde ela entra, no canto do rude universo. Meu.

Com ela brinco à vontade, imagino o impossível, viajo quando me apraz. Ela me pertence inteira – a fresta de luz. Único tesouro que possuímos (um ao outro), honramos nossas aventuras são e salvos, caprichosos.

E as necessidades? Onde as coloco? Outro canto, basta puxar a manivela depois. Creio que são quatro cantos: um funcionando como banheiro precário, outro com uma tábua para as refeições, o terceiro onde deixo minhas roupas, o último não faço idéia. Nem certeza tenho se existe. Retangular o terreiro. Sol delineia uma minúscula frestinha de luz, que me comove a alegria. Quantos jogos inventamos! Pique-esconde, amarelinha, detetive. Por aí vai... Em momentos de tristeza, recolho-me fundo, entanto a presença da luz me consola. Noites são

frias, nada a fazer, pensamentos a mutilar-me a pele. Feiosas as feridas que teço, cicatrizes molduram-me o corpo e o coração. Restam-me os sonhos. Crio as próprias leis, obedecendo-as para terem sentido. Organizado o viver entre poucas paredes, raros os sons a compor-me, sequer, um refrão.

Volta e meia viajo Brasil afora: fecho os olhos, fresta de luz me leva carinhosa. Fomos, já faz tempo, ao sertão nordestino, percorrendo o que há de melhor e pior. Muito peixe na goela, e nos belos mergulhos rios e cachoeiras abaixo. Nadávamos felizes, remoçados, astutos, heróicos; indiazinha nua acariciando-me a pela tão machucada. Namoros, beijos, volúpia no ar, juras. Ouvíamos causos e lendas horas a fios, minutos a nosso favor – leveza matuta. Pirão de tapioca, bolo de fubá morninho, cachaça “Morena”. Sono, endiabrado na rede macia, sonhos com iluminadas sereias e corajosos duendes. Violas nas mãos, trovadores cantarolando o dia a dia dos jagunços, repentes sem governo.

Seca a esturricar o pobre sertão, desdentados e magricelos os meninos soltos. Analfabetos de pai e mãe, lutando contra os Senhores de Engenho, em desvantagem desde. Brigas, sem piedade, por um pedaço de terra. Traças, bezerros, lampeões. Cruéis a natureza e o homem – naquele fim de mundo. A mesma natureza que nos enfeitiça, mágica, muda a tonalidade; homem - um mistério e um calvário. Desinfeliz a errância. Fresta de luz diminui rápida, hora de partir, hei-nos já de volta. Deste jeito - viagens e passeios sem deixar o local de origem. Os adoráveis olhos da imaginação. Fomos de canoa ao Amazonas, vitórias régias exultantes em ver-nos, bonitezas a assediar-nos intempestivas. Índias. Tamanhas as lendas – Curupira, Uirapuru, do Guaraná. As mais conhecidas, sem contar as fantásticas, monstros de fazer medo aos caçadores. Jibóias cúmplices, envolventes, esmagadoras, sorrindo para os jovens distraídos. Pacto solene com o Diabo.

Em Santarém, logo ali, namorei a nega Dalva, quase deu em

noivado. Tanto furor, tanta sem vergonhice, tantos os pecados. Meu bem ali se alojou. Meu mal é que, ao cair da tarde, sumia feito um lobisomem.

Sonhei com o Rio de Janeiro: lindas as paisagens. Praia de Copacabana, Arpoador, Lagoa, Jardim Botânico. Nada de bandidagem, assaltos, crimes. Bondes trafegavam pelas importantes avenidas, lotados de biquínis e lorotas. Resolvi por um sorvete do “Moraes”, chamaram-me de antiquado, informando-nos que nada tão delicioso quanto um Chica-bom. Fresta de luz comeu uma lata, e não passou mal. Só em sonhos! Dançamos coladinhos na Lapa, porre de caipirinhas a embalar-nos. Sonhava demais no cativo, para tolerar as intermináveis noites.

Abundante o calor no verão, abundante o frio no inverno, excessiva a umidade. Dei entrada na enfermaria incontáveis vezes; todos de branco, reticentes. Queriam-me vivo – o que detectei. Por quê?

Ontem tive um estranho sonho, começava um primor, terminando mau e grotesco. De arrepiar. Amada fresta de luz crescia feito uma flor de pessegueiro, ampliando horizontes tão diminutos. Belo e selvagem o bosque em frente, lagos e piscinas naturais a desenhar córregos sonoros. Melodias, justa medida, aninhava os recém nascidos e dotados animais na mata verde. Verde esbelta verde. Gramas outonais ruborizavam a cena, discretas coloridas felpudas. Céu azul clarinho refletindo a paisagem de uma vida inteira. Árvores com seus troncos seculares – pouso para vôos em todas as dimensões.

De repente, a cena muda de figura. Desconstrói-se a belíssima fotografia de antes. Instalado, então, um temível desastre. Homúnculos de roupas listradas, facínoras os perfis, marcham a contragosto. Paredes altas e de cimento grosso a aprisionar os supostos detentos. Ferozes os de calça e camisa numa só cor, cacetetes na mão e armas na cintura. Macabra a lei dos mais fortes – a vociferar horrenda. Perpetuando o negro sol.

Acordei assustado. Barulho na minha janela, socos e pontapés.

Consertavam-na? Quem? Juro que não sei. Evaporou a fresta de luz, quase enlouqueci na mais densa e clara escuridão. Persistiam os colírios, à sangue gelado, desmaiei impune. Não me restava nada deste mundo impróprio para menores.

Uma só lembrança – guardada no bolso e no coração. Fresta de luz.

Escapei com vida, animal ferido...

Dois sonetos de juventude (1970?)

Luiz Fernando Gallego

Soneto de enquanto se espera

Mesmo que as palavras tenham dito
o que queria dizer teu pensamento,
Mesmo que a razão tenha inibido
o que eu queria daquele momento,
Mesmo que os fatos provem a verdade
de tudo o que disseste para mim,
Mesmo que não sintas a saudade
do que não houve e que já teve fim,
Mesmo que feliz te queira ir vendo,
Mesmo eu sofrendo e renunciando,
Mesmo que não vejas, cada dia,
a solidão crescendo e me matando

Venho dizer que, mesmo te esquecendo,
por teu amor eu sempre esperaria.

Reencontro

Depois de tanto tempo em solidão
o encontro, o despertar são dolorosos,
eu ponho a minha mão sobre meus olhos
(e rio e choro e corro em tua direção)
pois o que deixas ver, que me confunde,
é quase nada do teu próprio ser
como água clara que esconde o fundo

com o brilho simples que consegue ter.

E eu careço esperar um pouco:

ainda preciso acostumar o olhar

e aprender teu modo de viver,

de rir, sofrer e se alegrar com o mundo

Até que chegue o momento exato

de meu mergulho no teu ser profundo

